Editorial

É com grande satisfação que apresentamos o 22º número da *Tabulae-Revista de Philosophia*, esta que pretende ser um meio de divulgação das pesquisas ligadas à área da Filosofia em seus diversos temas.

Newton nos ensinou que “Se enxerguei mais longe foi porque estava nos ombros de gigantes” e este ensinamento parece ter sua maior importância nos momentos em que “enxergar” está se revelando uma habilidade escassa, quanto mais então, enxergar mais longe. Precisamos cada vez mais procurar algum gigante para que nos ajude enxergar mais longe, para nos ajudar no tratamento da miopia que assola boa parte das mentes de hoje. Não se trata de ter a verdade, mas de buscá-la com responsabilidade e isenção, com perseverança e coragem. O conhecimento jamais deixará de ser importante. Queiramos nós ou não ele sempre foi, é e sempre será sinônimo de liberdade. Quanto mais conhecimento, mais liberdade; quanto mais liberdade mais democracia. Sigamos na busca de um gigante e porque não... de liberdade.

Agradecemos aos que já nos brindaram com sua ajuda no caminho desta busca, em especial aos que nos enviaram suas pesquisas para este número.

O professor Doutor Bortolo Valle, juntamente com o pesquisador Cleber Fábio Oliveira Teodósio, nos propõem uma reflexão sobre a questão do “Cotidiano” na filosofia de Wittgenstein. “[...] a partir de seu retorno ao ‘cotidiano’, onde o enfeitiçamento da linguagem do *Tractatus* é suplantado pelo uso das palavras em seu contexto original, em Investigações, que as reterritorializa, passando a compreendê-las dentro de uma forma de vida, que já não se admite a linguagem privada, mas a pública.” Neste artigo, os autores exploram o aspecto antropológico cultural do pensamento do filósofo austríaco. Neste sentido, procuram

mostrar a importância dada pelo filósofo ao aspecto prático da linguagem que deve ser vivida a partir de cada forma de vida e não a partir de um entendimento metafísico.

A professora Patrícia Gonçalves, em seu artigo intitulado “A evolução da inteligência e a criação de novidade nas perspectivas de Jean Piaget e Henri Bergson: uma análise epistemológica e outra metafísica” pretende analisar de que forma o filósofo Bergson e o biólogo Piaget caracterizam a inteligência humana. No artigo, a autora afirma que para Bergson, a inteligência é o meio pelo qual somos inseridos no mundo em que vivemos, sem com isso criar algo novo. Já Jean Piaget, leitor assíduo de Bergson desde a adolescência, o contrapõe afirmando que a inteligência é criadora de novidade, construtora de conhecimento, a partir do que o biólogo constrói sua teoria da epistemologia genética.

Com o artigo intitulado “Santo Agostinho, Einstein e o tempo: um breve comentário” o professor José Antônio Zago apresenta o conceito de tempo em santo Agostinho a partir do livro XI das “Confissões” e o mesmo conceito em Einstein a partir do texto “A Teoria da Relatividade Especial e Geral”. Tece comentários a respeito da relação entre os dois autores no que se refere ao conceito estudado aproximando Filosofia e Ciência.

A partir do livro “O Príncipe” de Maquiavel a professora Maria da Glória Colucci em seu artigo intitulado “Direito e Política em ‘O Príncipe’”, trata das mudanças constantes na lei, em detrimento dos costumes, com o intuito de garantir a segurança. Tal reflexão é feita à luz de Maquiavel que atribui “às boas leis e às boas armas” os alicerces do Estado. Mais às boas armas do que às boas leis, acreditando que “as leis estão mais a serviço da força do que da ordem”.

Com o propósito de desenvolver uma análise das estruturas educacionais brasileiras no século XXI, o professor Roberto Batista de Souza, com seu artigo “A reestruturação Ética da Sociedade por meio da Educação Política e da Cidadania” propõem que “o ensino atue mais eficazmente no alcance da formação e do desenvolvimento contínuo do cidadão consciente e socialmente atuante.” O Ensino seria, neste caso, o potencializador de ações propositivas na busca de mitigar o preconceito e a discriminação em seus diversos modos.

Finalizando esta edição, Aloísio Miranda Von Zuben e Leonardo Mateus Felipe de Sousa apresentam o artigo intitulado “O ideal do belo artístico em Hegel” no qual é analisado o conceito de Belo Artístico na concepção do filósofo. Tal conceito é fundamentado na crítica à filosofia de Kant. Leva-se em conta sempre que conceito e realidade não se equivalem “sendo o conceito uma abrangência da totalidade efetiva e verdadeira e, portanto, ideia, e a realidade a objetividade do conceito.” Do mesmo modo, opondo belo artístico a belo natural, uma vez que “o belo artístico é um afastamento total do pensamento de imitação, pois para ser verdadeiro o belo artístico deve ser a relação entre o exterior e o interior.”

Desejamos a todos que estas reflexões filosóficas ajudem a ver melhor a realidade que nos rodeia, a ampliar o conhecimento. Que este conhecimento proporcione maior liberdade e que a liberdade seja a melhor expressão do respeito à democracia.

Boa leitura!

Prof. Ms. Eli Carlos Dal’Pupo